Baleia na Rede ISSN – 1808 -8473
Revista online do Grupo Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura

OS CAMINHOS QUE ANTECIPAM A MORTE

Rafaela Fernandes NARCISO[1]

Resumo: As mortes narradas no romance *Cidade de Deus* perpassam as três partes da narrativa, mas apresentam diferentes sentidos e formas em cada uma delas. Na primeira parte, onde a história de Cabeleira é narrada, há um menor número de mortes em relação às outras duas. Nesta percebemos que as mortes estão mais ligadas à manutenção de uma ordem constituída, diversa da conhecida pelas leis e costumes do asfalto. Na segunda parte, lemos a história de Bené, onde vemos o aumento das mortes, ainda mais violentas, preparando terreno para uma guerra que se efetiva no último capitulo, onde se conta a história de Zé Pequeno.

Palavras chave: Violência e narrativa, literatura brasileira, morte e literatura

Ria o rio, mas Busca-Pé bem sabia que todo rio nasce pra morrer um dia.
(LINS, 1997, p. 16)

Durante nossa leitura do romance *Cidade de Deus* contamos aproximadamente 276 mortes descritas e, entre estas, algumas de personagens mais centrais à narrativa, e outras referentes àqueles que poucas vezes aparecem ou o fazem em rápidos e furtivos trechos, ora para matar, ora para serem mortos.

Na favela descrita, a morte parece ser o destino final da maioria dos personagens e, por ser assim, se faz necessário pensar os seus caminhos e é o que pretende o texto que aqui apresentamos. Seguindo a proposta do romance, o mesmo é divido em três partes, pois a primeira está mais focada em mostrar a história do conjunto habitacional que dá nome ao livro, a segunda em explicar como se organiza o cotidiano violento mas anterior a um clima de guerra declarada, e a terceira a retratar esta guerra. Assim sendo, a morte tem sentidos distintos em cada uma das partes.

1. A história de Cabeleira ou a morte como caminho possível

[1] Graduanda em Ciências Sociais pela FFC/CM, participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cinema e Literatura e inicia pesquisa sobre o trabalho realizado pela ONG Doutores da Alegria – Arte, Formação e Desenvolvimento.

Nesta parte do romance são cinqüenta e uma pessoas e dois cachorros mortos. As mortes acidentais são minoria, aliás, elas parecem estar intimamente ligadas ao ambiente no qual os personagens vivem, isto é, a favela. A precariedade fundamenta algumas mortes tal a como de ser "engolida" por um bueiro durante uma enxurrada, como aconteceu com mãe de Pará (p. 115), um incêndio, no qual perdeu a vida a avó de Cabeleira (p. 25), a doença contraída pela mãe de Pelé, que trabalhava no Baixo Meretrício (p. 115). A precariedade torna ainda mais trágicas as mortes acidentais como a do pai de Zé Pequeno, que "morrera afogado numa pescaria na praia de Botafogo, deixando a família em apuros por nunca ter tido emprego oficializado" (p. 184).

Há muita morte de crianças, fruto de balas destinadas a outros personagens. Esse fato pode gerar culpa, como em Marreco, que acabou acertando um bebê durante um assalto a um caminhão de gás (p. 29) ou não, como na seguinte citação, onde um pai chora o tiro que seu filho recebeu durante um conflito entre policiais e bandidos:

> O homem gritava para as pessoas que corriam, pedia pelo amor de Deus que o ajudassem a socorrer seu filho. Cabeção olhou a criança agonizante, mas que se foda, antes ela do que ele (LINS, 1997, p. 167).

As mortes de "bons" malandros, somando duas, são lamentadas, sendo essas figuras tidas, por consenso, como bons sujeitos que ajudam sempre a população, tratando a todos os moradores com muito respeito e consideração, tal como vemos ocorrer com Haroldo:

> A bala entrara em seu olho esquerdo: íris despedaçada, sangue correndo pela calçada. Sim, era o Haroldo, o bom malandro, aquele que não atrasava ninguém, que morrera sem ter nada a ver com nada (LINS, 1997, p. 83).

> Deu-se um corte na manhã, oriundo de uma oração de verbo intransitivo e sujeito morto. As ruas ficaram cheias de choro pelas esquinas. Capengavam todas as hipóteses de ser mentira o final da vida do malandro (LINS, 1997, p. 111).

Um dos atos que pode levar à morte é a traição: fim esse dos dois peixeiros que se envolveram com mulheres casadas:

> Ajeitou a foice na mão direita, agachou-se, esperou que ele passasse. Saiu nas pontas dos pés pelas suas costas e, com apenas um golpe, decepou-lhe a cabeça. Tirou um saco plástico de dentro do bolso da calça, colocou a cabeça ensangüentada com os olhos esbugalhados no saco, foi para casa e jogou-a no colo da adúltera (LINS, 1997, p. 83).

> O marido enfiou sua peixeira afiada no peixeiro, arrastou o corpo para cima da cearense que se revirava no fundo do buraco, foi cobrindo-os de terra (LINS, 1997, p. 136).

Em um caso de traição, uma criança foi usada, provavelmente filho não legítimo, para vingar-se, configurando um ato cruel:

> O bebê estrebuchava com aquela morte lenta. As duas pernas foram cortadas com um pouco mais de trabalho e a ajuda do martelo. Mesmo sem os quatro membros o nenê sacudia-se. O assassino levou a faca um braço acima da cabeça para desce-la e dividir aquele coração indefeso. O bebê aquietou-se na solidão da morte (LINS, 1997, p. 82).

Possuir algo – como revólver, *status*, dinheiro, mulher – almejado por alguma outra pessoa também pode acabar em morte, uma vez que se considera a posse como elemento gerador de distinção ou vantagem. Cunha mata para ficar com a mulher do morto, Cabeleira para conseguir um carro e realizar um assalto: "Combinaram para o domingo seguinte. Para conseguir um carro, Cabeleira teve que matar o proprietário, porque o otário tentou reação" (p. 151). Mas também mata-se para proteger-se dentro de um ambiente hostil, como fez Nefasto: "Começou a cumprir pena na penitenciaria Lemos de Brito, onde matou com vinte e uma estocadas um companheiro de cela que tentou estuprá-lo" (p. 119).

Há também as mortes que são causadas para obter proteção de entidades, como no caso de Marreco, que, após um trato com o Diabo, "sua obrigação era enviar uma alma toda segunda-feira para os quintos dos infernos. Ficaria rico, já que de tiro não morreria, a polícia não o enxergaria, qualquer amigo falso boiaria em sua frente" (p. 145).

Restam as mortes associadas aos policiais e bichos-soltos, que são os envolvidos no crime e/ou no tráfico, dispostos a tudo para conseguirem dinheiro, respeito e admiração ou, como nos mostra o romance, "acertar a boa". Uma vez bicho-solto é preciso conquistar ou manter seu poder, e isso é feito por meio de muita bala, endereçada a qualquer um que atrapalhe os planos ou ouse desafiar a autoridade dos bandidos ou policiais.

Em um lugar violento, como o universo representado no romance, matar ou escapar de ser morto pode trazer *status* tal qual nos fala Cabeleira:

> Ficaria mais temido pelos outros bandidos, pela rapaziada do conceito, pelos dedos-duros. Gostava de ver o pessoal com medo dele, ria interiormente quando alguém mudava de calçada para evita-lo ou quando pedia favor a uma pessoa e as outras se ofereciam para fazê-lo na tentativa de pegar consideração (LINS, 1997, p. 68).

Porém, o ato de matar parece ter suas regras próprias, matar qualquer um pode acabar em prisão ou, também, em morte, como no caso de Marimbondo, que acabou sendo preso:

> [...] não era querido de alguns moradores, quando estava muito injuriado com qualquer coisa que fosse, saía dando tiro em direções impensadas, molestava as pessoas sem motivo, matou um rapaz acusando-o injustamente de trapacear no jogo de ronda, assaltava, espoliava birosqueiros, estuprava... (LINS, 1997, p. 195)

Quase todas as mortes estão ligadas ao mundo do crime embora algumas apareçam como parte das tentativas não menos criminosas de combate ao crime. É o que acontece ao marido de Berenice:

> [...] ficara casada até seu marido ser encontrado com cinqüenta tiros no corpo em São João de Meriti, com uma tabuleta pendurada no pescoço onde se lia: "Não assalto mais. Assinado: Mão Branca (LINS, 1997, p. 56).

E dentro do chamado mundo do crime, algumas regras quando desrespeitadas conduzem diretamente à morte. Uma delas é "assaltar bicho solto", como aconteceu com o marido de Bá, morto em atividade: "Um dia assaltou um bicho-solto, que, logo depois do assalto, acertou seis baladas de 38 em sua cabeça" (p. 106).

Percebe-se que durante os assaltos a regra é atirar pra não morrer: "O dono do posto, para surpresa dos assaltantes, sacou do revólver e tomou um tiro de Marimbondo no peito". A mesma atitude é tomada também por Pequeno: "Dadinho percebeu um dos homens afastando-se de fininho, por isso sentou-lhe o dedo na cabeça" (p. 192).

Mas, uma parte dos bandidos morre nas mãos do Estado, como acontece a Pelé e Pará, mortos por policiais:

> O primeiro tiro da pistola calibre 45 do sargento atravessou a mão esquerda de Pelé e alojou-se em sua nuca. A rajada da metralhadora de Touro rasgou o corpo de Pará (LINS, 1997, p. 115).

Nesta primeira parte do livro, os policiais são responsáveis por catorze mortes, chegando a matar outros policiais, como fez Touro com Faquir, que havia gerado problemas que Touro considerava desnecessários (p. 113). Nota-se que, em grande parte das vezes, não é necessário motivo para matar, como percebemos na atitude de Touro:

> Um maconheiro anônimo vinha com um baseado aceso, e ao notar a correria tratou de dar no pé, mas seus passos não o levaram muito longe. Uma rajada da metralhadora de Touro esburacou sua cabeça. O anônimo estrebuchou sobre a água de um esgoto entupido que chocalhava (LINS, 1997, pág. 85).

Outro policial que se destaca é Cabeção, que aparece como pretenso "dono do pedaço": "Cabeção achava que estava numa maré de sorte, pois no seu último serviço prendera dois maconheiros, matou um safado que disparou contra ele ao ouvir voz de prisão" (p. 154). Porém essa "pose" não duraria muito tempo porque acabou ameaçando a atividades de muitos ladrões e bichos-soltos. Assim, numa certa noite, enquanto andava pela favela pensando em toda a desgraça que julgava ser sua vida, "queria sossego e morreu. O assassino se aproximou lentamente para o tiro de misericórdia" (p. 175).

A primeira parte do romance acaba com a morte de Cabeleira, que gera extrema comoção. Em meio a tantas mortes, há algumas lamentadas, e outras consideradas justas. Há uma nítida divisão entre os que não deveriam e quem merecia morrer, sendo que esta diferenciação está menos ligada ao envolvimento com crime do que com a relação mantida na comunidade.

II – A história de Bené ou a morte é a solução

Nesta segunda parte do romance, há apenas uma morte natural, por enfarto (p. 375) e uma morte ocasionada por um aborto (p. 380). Percebemos uma mudança no tipo de mortes, que são mais violentas, mais presentes (aproximadamente 82) e muito mais utilizadas para resolver as questões que se colocam no cotidiano.

A presença da arma de fogo se acentua, a ponto de seu porte passar a ser visto como algo natural, podendo ser interpretada como instrumento elementar de defesa, além de distinção e virilidade ao seu portador. O seu sentido no romance parece ir ao encontro da afirmação contida no trabalho realizado por Alba Zaluar, no mesmo ambiente que serviu de inspiração para Paulo Lins:

> Botar o revólver na cintura, tem, entre eles, o sentido de declarar publicamente uma opção de vida, e de passar a ter com a população local relações marcadas pela ambigüidade (Zaluar, 1983, p. 252).

Morte pode significar também experiência no crime para os bichos-soltos, como se nota na caracterização do personagem Zé Pequeno, de quem o narrador diz que: "(A) maioridade chegava com dez assassinatos, experiência de cinqüenta assaltos, trinta revólveres dos mais diversos calibres e respeito de todos os bandidos do local" (p. 208). Matar poderia servir, ainda, para alertar outras pessoas do que se é capaz: "Para dar exemplo, matou um ladrão sem o menor motivo, disse a todos que o matara porque o safado assaltara um morador que não queria se identificar" (p. 219). É uma forma eficaz de fazer-se conhecido, de mandar um recado, uma vez que esse tipo de notícia corre rápido no mundo representado em *Cidade de Deus.*

As crianças também são mortas nesta parte do romance e não mais por acidente e provocando a culpa do assassino. Agora estão envolvidas com o trafico, o que leva a perceber que a morte não é mais coisa de "gente grande", mas pode ser o fim de qualquer um que se aventure para "acertar a boa". Duas atitudes de Zé Pequeno deixam claro isso:

> Bigolinha, de nove anos, desmaiou. Pequeno achou que tudo não passava de truque para parar de apanhar e por isso deu-lhe chutes e mais coronhadas. Em seguida, dando gargalhadas, descarregou sua pistola 9 milímetros no corpo do menino (LINS, 1997, p. 286).

> Colocou o rosto na quina do prédio para ver se ninguém o estava seguindo e recebeu um tiro no centro da testa detonado por Pequeno, que mantivera a arma apontada durante todo o tempo em que ele fizera aquele trajeto e continuara apontando a arma depois que ele dobrara a esquina, sem sair do lugar onde estava (LINS, 1997, p. 186).

Aliás, a morte esta intimamente ligada com o tráfico, uma vez que poucos que não estão envolvidos com o crime têm esse fim. Uma dessas exceções está na mulher que

enxergou na morte do marido uma saída para sua condição miserável, almejando ficar com o seguro:

> A mulher arrastou-o para a cozinha e despejou a água fervendo sobre sua cabeça. Foi presa por homicídio premeditado e não recebeu a quantia que esperava do seguro (LINS, 1997, p. 300)

Como visto, a vantagem, principalmente no caso dos moradores, nem sempre é certa, a não ser no caso dos policiais, que, normalmente se dão bem:

> A polícia apareceu quarenta e cinco minutos depois e, desta vez, além de apreender toda a droga e armas, prendeu três quadrilheiros, mas, ao invés de levá-los à delegacia, tratou de executá-los numa quebrada do morro (LINS, 1997, p. 339).

Segundo a narrativa, para eles é sempre possível obter vantagens, uma vez que dificilmente seriam ser punidos. A única situação durante toda a narrativa em que isso é relatado é no caso do afastamento do policial Touro, que "matou um trabalhador enforcado dentro da cela" (p. 361). A polícia continuaria não indo ae encontro do pensamento da população, praticando mortes julgadas injustas:

> Napoleão era querido pelo pessoal desde o tempo da Macedo Sobrinho e logo após da morte de Grande os policiais do Quinto Setor o seqüestraram, mataram e deram sumiço no corpo (LINS, 1997, p. 211).

Os sentidos das mortes "matadas" nesse capitulo estão, em sua maioria, associadas a dois motivos, a defesa e a vingança: Durante a invasão de um morro, a sobrevivência em maior número de um grupo define a vitória e o controle da área. Faz-se defesa da vida e da "boca": "Os homens do Ari do Rafa pularam a janela de trás do barraco e receberam tiro dos pára-quedistas. Cinco homens mortos em menos de dois minutos" (p. 293). Outro motivo que leva um bicho-solto a matar é vingança, como a que levou Pança a cometer o assassinato brutal da sua ex-namorada:

> Os grandes lábios foram desfigurados, os pequenos, mal-tratados como cabeça de prego, a vulva, destroçada feito furadeira em

> parede mal construída, a vagina estilhaçada, o colo do útero ali: serra elétrica numa roda. Útero estourado (LINS, 1997, p. 376).

A vingança também é praticada, com muito prazer e desapego, quando algum membro de outra gangue comete alguma atitude de "desrespeito", no sentido da quebra de alguma regra ou de ameaça de poder, como no caso que levou Zé Pequeno a matar três homens que haviam machucado Bené:

> O primeiro dos três deitou-se debaixo de porrada e tiros. Diversos tiros explodiram sua cabeça. [...] O homem que esfaqueou Bené desfaleceu antes de levar tiro por todo o corpo. [...] Subitamente, o último pulou dentro do rio, ficou embaixo d'água procurando se agarrar em alguma coisa. Quando voltou à tona para buscar ar recebeu um tiro da pistola de Pequeno na parte esquerda do crânio" (LINS, 1997, pp. 225/6).

A prisão, como a favela, tem suas regras construídas com muita violência e tiros, como no caso de um interno que tentara fuga: "A primeira parte do plano deu certo, mas no último levou cinco tiros do próprio guarda com quem fizera o acordo" (p. 269) ou dos doze presos que morreram no mesmo dia que assassinaram Marimbondo, que obrigava outros presos a prestar favores sexuais a ele (p. 273).

Um clima de guerra que se inicia na segunda parte vai tomar conta do romance na terceira parte, onde parece que não há mais caminhos delimitados para a morte, bastando apenas estar de um dos lados da guerra, colocar-se entre eles ou estar próximo a alguma das trocas de tiro.

III – A história de Pequeno ou a naturalização da morte violenta

A terceira e última parte do romance nos traz uma guerra entre as gangues que se firmaram durante as outras duas partes iniciais da obra. Grosso modo, tem-se a impressão de uma produção em série, onde se mata um, nasce outro destinado a morrer e ter seu lugar ocupado por outro, que, terá, provavelmente o mesmo fim.

As mortes não estão mais associadas somente ao tráfico, basta estar, por algum motivo, metido na guerra que ali na favela se instalou. Isso fica claro pela trajetória de Mané Galinha, que era "otário" (trabalhador), antes de ter sua mulher estuprada por Zé Pequeno.

Além do estupro da namorada, Pequeno alveja o seu avô, a sua mãe até o seu cachorro. É assim que Mané Galinha decide que tais mortes não passariam em vão.

A partir da promessa de vingança de Galinha é sangue que não acaba mais: são 176 mortes, nenhuma delas natural e pouquíssimas não associadas a essa rixa instaurada por Mané Galinha, em sua procura por vingança. Porém, a vida de quem entra em contato com esse mundo, geralmente, acaba em morte também, como no caso de Galinha. Parece que há sempre balas para coroar as escolhas no interior das leis próprias desta favela desenhada por Paulo Lins.

A vida é desvalorizada na Cidade de Deus, havendo ataques inclusive aos animais presentes na trama: dois cachorros foram mortos por Cunha e Damião durante um assalto (p. 125); Galinha, testando sua arma, "atirou duas vezes num bando de urubus que voava naquele pedaço de céu. Dois urubus caíram mortos, Torneira e sua quadrilha pasmaram diante de tal precisão" (p. 426).

O "campeão" de mortes é Zé Pequeno, matando, aproximadamente, cinqüenta pessoas no decorrer do romance. Foi morto por alguém que, com certeza, não matou só a ele. Os seus comparsas matavam os comparsas dos seus inimigos e assim segue a narrativa. As mortes são tantas e tão rápidas que se percebe uma naturalização da morte na medida em que avança a história. Ao que tudo indica, o pensamento de Busca-Pé pode ser estendido aos personagens, que parecem, também, terem nascido pra morrer.

A cada morte de personagem, um ciclo se completa, histórias de vida cheia de mortes, e histórias de mortes cheias de vida. A luta diária no romance é para se safar de balas perdidas, que podem achar um corpo facilmente, ou irem ao encontro de um corpo que "precisa" aprender algo, segundo o julgamento de alguém. A socialização se dá por meio da violência e exemplos que dela vem, já que a maioria não morre "à toa" e sim por ferir alguma das sanções que regem o lugar.

Os caminhos da morte são, assim, construídos. Há um vermelho sangue sempre presente. Histórias de vida divididas entre vida e morte, entre palavra e silêncio, sendo que muitas vezes, como nos diz o romance em suas frases iniciais "Falha a fala. Fala a bala" (p. 23).

THE WAYS THAT ANTICIPATE THE DEATH

Abstract: The deaths narrated in the novel *Cidade de Deus* permeate in all the three parts of the narrative, but with different meanings and forms in each one. In the first part, where the story of Cabeleira is narrated, there is a fewer number of deaths, in relation to the others. In this one, we realize that the deaths are more linked to the maintenance of an established order, diferent of the well-known by the laws and customs of the asphalt. In the second part, we read the history of Bené, where we see the increase of deaths, much more violent, that prepares the ground for a war that is effected in the last chapter, where the story of Zé Pequeno is narrated.

Key-words: Violence and narrative, Brazilian literature, death and literature

Referências Bibliográficas

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

JAMESON, F. *A cultura do dinheiro*: ensaios sobre globalização. Petrópolis: Vozes, 2002.

LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Companhia das Letras. 1997.

LUKÁCS, G. *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

SCHWARZ, Roberto. *Cidade de Deus*. Em SCHWARZ, R. "Seqüências brasileiras - ensaios". São Paulo: companhia das Letras, 1999, pp. 163-171.

ZALUAR, Alba. Condomínio do diabo: as classes populares urbanas e a lógica do "ferro" e do fumo. IN: PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org.). *Crime, Violência e Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Artigo produzido a partir dos seminários sobre *Cidade de Deus* realizado durante o primeiro semestre de 2008 junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Cinema e Literatura